

O CONCEITO DE AMOR DE SI NO PENSAMENTO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Francisco Alex Soares Matias⁷²
Antônio Danilo Ferreira de Oliveira⁷³

RESUMO

Ao ler o *Segundo discurso da Origem e os Fundamentos da desigualdade entre os Homens*, nascem os primeiros questionamentos que nortearam a escrita do presente artigo. Após a leitura de sua obra e outras que se relacionam ao pensamento de Rousseau, percebeu-se que a descrição do homem em seu estado de natureza, retratava-o com um sentimento moral. Tal sentimento, é de *comiseração* ou ainda de *amor de si* que o fazia auxiliar a outro por não conseguir vê-lo padecer. O objetivo desse trabalho, concentra-se no esclarecimento do que seria o Amor de si no pensamento rousseauiano, mostrando, ainda, a sua diferença com o amor-próprio também presente na obra do autor. A metodologia utilizada compreende-se pela pesquisa e da leitura das principais obras de Jean-Jacques, como também a de seus comentadores. A estrutura da pesquisa é compreendida por três momentos: a primeira parte prioriza-se na investigação do homem em seu estado de natureza; a segunda parte detém-se a falar do sentimento de comiseração descrito pelo autor; a terceira e última parte, discorre sobre a diferença do amor de si para o amor-próprio.

PALAVRAS-CHAVE: Estado de Natureza. Homem. Amor de si. Comiseração. Amor-Próprio.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, tem como intuito, abordar no seu decorrer uma investigação acerca do pensamento do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau, partindo da sua perspectiva sobre o amor de si e o amor-próprio, dentro do transcurso da história, que permeia seu pensamento acerca do homem no estado de natureza e no estado civil. O enfoque principal aqui tratado é o amor de si que o pensador escreve com esmero, e que é de importância na humanidade.

Rousseau, no decorrer da sua obra sobre a *Origem e os Fundamentos da desigualdade entre os Homens*, considera pontos característicos da espécie humana no seu estado de natureza, onde o indivíduo carrega consigo de forma instintiva sentimentos, como a bondade, a piedade

⁷² Graduando do Curso de Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/ Campus Universitário Central; E- mail: soaresalex491@gmail.com.

⁷³ Graduando do Curso de Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/ Compus Universitário Central; E- mail: daniloferreira9000@gmail.com.

natural, o amor de si. Em decorrência desses fatores, o homem acaba por atingir direta ou indiretamente os demais de sua espécie.

Com base na obra supracitada, utilizando dos discursos que ela traz e explanando o pensamento do autor sobre o homem no seu estado de natureza, apresentamos as formas que ele se inter-relaciona com as pessoas nesse estado, e como passa a agir chegando ao estado civil. Discorreremos sobre a causa da desigualdade entre os homens de acordo com o pensador, ressaltando, ainda, como a linguagem mostra-se importante para o desenvolvimento da comunicabilidade entre os indivíduos.

Sobre o amor de si, consideramos aquilo que Rousseau traz no seu pensamento, que no estado de natureza o homem não age com nenhum sentimento moral, porém é o amor de si que faz com que o mesmo mantenha os sentimentos de bondade com o próximo, pois não está no propósito do homem ver os mesmos de sua espécie passar pelo sofrimento, compadecendo-se do outro em seu momento de convalescência.

Assim, levantando as diferenças entre o homem no estado de natureza e no estado civil, é-se notório o que diverge do amor de si e do amor próprio, tendo como principal responsável por esta mudança o estado no qual o homem está inserido. Diante de todas essas mudanças, as leis e regras do governo civil é que vão estabelecer os limites e resguardar os direitos individuais de cada homem.

2 O HOMEM NO ESTADO DE NATUREZA

2.1 A relação do homem em seu estado natural

Jean-Jacques Rousseau, em seu discurso sobre a *Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os homens* (1755), apresenta o seu pensamento sobre o assunto, onde divide este escrito basicamente em duas partes. Na primeira parte, ele destaca o homem, o homem em si, na sua naturalidade, no seu estado natural. Afirmando que entre os indivíduos as desigualdades inexistem, haja vista, que não há a necessidade entre eles de medir-se uns em relação aos outros. As que forem ilustradas seriam apenas desigualdades de caráter natural, tais como força, idade, sexo, etc.

Além desses exemplos de desigualdades apresentados, na primeira parte do *discurso* ele também mostra outras formas de desigualdades entre os homens que se daria na forma moral ou política, sobre isso Rousseau (1993, p. 153) nos diz:

Concebo na espécie humana duas espécies de desigualdades: uma, que chamo de natural ou física, porque é estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito, ou da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção, e ser estabelecida, ou pelo menos autorizada pelo consentimento dos homens. Esta consiste nos diferentes privilégios de que alguns usufruem com prejuízo dos outros, como serem mais ricos, mais honrados, mais poderosos do que os outros, ou mesmo se fazerem obedecer por eles.

O homem primitivo tem sua ligação com os demais seres humanos que o rodeiam, tem para com eles uma relação boa em si mesma, essa bondade, segundo Rousseau, é uma característica inata ao ser humano⁷⁴. Mesmo vivendo isoladamente o homem é bom, pois diante dos seus semelhantes, agiria com piedade natural⁷⁵ para com eles demonstrando afeto, amor e afabilidade.

Tal é o movimento puro da natureza, anterior a qualquer reflexão; tal é a força da piedade natural, que os costumes mais depravados ainda têm dificuldade de destruir, pois que vemos todos os dias, em nossos espetáculos, enternecer-se e chorar-se pelas desventuras de um desafortunado, aquele mesmo que, se estivesse no lugar do tirano, agravaria ainda mais os tormentos de seu inimigo. (ROUSSEAU, 1993, p. 190)

Através da força da piedade natural, que o homem seria imbuído a agir, devido a sua semelhança com o seu próximo se estiver em uma ocasião que cause sofrimentos ou infortúnio, logo, a ação do homem no estado de natureza, diante das pessoas que estão padecendo, seria de agir com complacência, por perceber nele a sua semelhança. Sendo assim, uma das teses do

⁷⁴ Rousseau (1993, p. 323) afirma que: “[...] o amor de si mesmo é um sentimento natural que leva todo animal a zelar pela própria conservação e que, dirigido no homem pela razão e modificado pela piedade, produz a humanidade e a virtude”.

⁷⁵ Sobre a piedade natural Rousseau (1993, p. 192) denota que contribui para a conservação da espécie: “É certo que a piedade é um sentimento natural que, moderando em cada indivíduo a atividade do amor de si mesmo, concorre para a conservação mútua de toda a espécie”.

pensamento de Rousseau: a bondade do homem no seu estado de natureza, emanada pela piedade natural.

A desigualdade entre os homens se dará no momento em que eles iniciam a demarcação e a delimitação de terras, tendo como principal motivo a propriedade privada. A desigualdade social e a corrupção humana dar-se-ão com o nascimento da sociedade civil e o estabelecimento da propriedade privada. Nesse sentido, se desdobra uma das características da filosofia de Rousseau, pois o homem é naturalmente bom e com os aperfeiçoamentos e a aproximação da sociedade torna-se mau como afirma Rousseau: “[...] os diferentes acasos que puderam aperfeiçoar a razão humana ao deteriorar a espécie, tornar mau um ser ao torna-lo sociável [...]” (1993, p. 200)

3 O AMOR DE SI DO HOMEM PRIMITIVO

Até aqui, vimos como o homem, em seu estado natural, interage com a natureza e como é a sua relação com os seus da mesma espécie. Dessa forma, faz-se necessário ainda falar sobre a consciência e moralidade desse homem primitivo que vivia na natureza. Esse aspecto, por sua vez, visa ver o homem como um ser pensante constituído de sentimentos e emoções morais e físicas.

O homem natural não tem consciência das coisas e não apresenta ter qualquer ação voltada a moralidade. Sendo assim, vivia na natureza de forma inconsciente sem preocupar-se com as coisas, agindo de forma instintiva: dormindo, alimentando-se e tendo relações com outros da mesma espécie sem preocupar-se com o formar uma família, mas apenas em saciar o seu desejo mais imediato.

Podemos ver, assim:

Com paixões tão pouco ativas e um freio tão salutar, os homens antes selvagens do que maus e mais preocupados em proteger-se do mal que podiam receber do que tentados a fazê-lo a outrem, não estavam sujeitos a rixas muito perigosas; como não tinham entre si nenhum tipo de relação e não conheciam, conseqüentemente, nem a vaidade, nem a consideração, nem a estima, nem o desprezo; como não tinham a menor noção do teu e do meu, nem nenhuma verdadeira ideia da justiça e olhavam as violências que podiam sofrer com um mal fácil de reparar, e não como uma injúria que se deve punir, e nem sequer

pensavam em vingança a não ser maquinalmente e no momento, do mesmo modo que o cão morde a pedra que lhe atiram – suas disputas raramente teriam consequências sangrentas, se não tivessem motivo mais palpável do que o alimento. (ROUSSEAU, 1999, p. 193)

O homem natural não apresenta sentimentos ou paixões ordenadas que o faça criar, a princípio, laços de sociabilidade, pelo contrário, vive de forma a não se preocupar com os demais de sua espécie, relacionando-se com o mesmo apenas para garantir a existência da sua espécie⁷⁶.

Rousseau destaca que no estado natural do homem, tem-se ações que o mesmo pratica que estão ligadas a um sentimento moral. Esse amor de si, seria o mais semelhante a um sentimento moral, pois fazia com que o homem praticasse ações de ajuda podendo garantir a sobrevivência da espécie. Porém, não o era plenamente pela falta de consciência de seus atos, a razão nesse princípio vivia, ainda o seu adormecimento, como discorre o autor⁷⁷. Desse modo, o filósofo questiona-se: “O que são a generosidade, a clemência, a humanidade, se não a piedade aplicada aos fatos, aos culpados, ou à espécie humana em geral?” (ROUSSEAU, 1999, p. 191) e ainda, “desejar que alguém não sofra será diferente de desejar que seja feliz?” (ROUSSEAU, 1999, p. 191).

Tais questionamentos, nasceram a partir da reflexão de Rousseau ao perceber que, o homem natural, tem uma repugnância instintiva, ao ver outro sofrer. Por ter essa reação, nasce no homem um sentimento de piedade e de comiseração que o faz ajudar aquele que está a padecer. Nessa perspectiva, “é certo que a piedade é um sentimento natural que, moderando em cada indivíduo a atividade do amor de si mesmo, corre para a conservação mútua da espécie” (ROUSSEAU, 1999, p. 192).

⁷⁶ [...] os homens, antes selvagens do que maus e mais preocupados em proteger-se do mal que podiam receber do que tentados a fazê-lo a outrem, não estavam sujeitos a rixas muito perigosas; com não tinham entre si nenhum tipo de relação e não conheciam, consequentemente, nem a vaidade, nem a consideração, nem a estima, nem o desejo; como não tinham a menor noção do teu e do meu, nem nenhuma verdadeira ideia da justiça e olhavam as violências que podiam sofrer com um mal fácil de reparar, e não como uma injúria que se deve punir, e nem sequer pensavam em vingança a não ser maquinalmente [...]. (ROUSSEAU, 1999, p. 193)

⁷⁷ O homem selvagem, entregue pela natureza unicamente ao instinto, ou melhor, compensado daquele que talvez lhe falte, por faculdades capazes primeiro de o substituírem e depois de elevá-lo muito acima do que era, começará, pois, pelas funções puramente animais: perceber e sentir será seu primeiro estado, que lhe será comum a todos os animais. Querer e não querer, desejar e temer, serão as primeiras e quase as únicas operações de sua alma até que novas circunstâncias nele provoquem novos desenvolvimentos. (ROUSSEAU, 1999, p. 174)

4 AMOR DE SI *VERSUS* AMOR-PRÓPRIO

Além do discutido anteriormente sobre o conceito de amor de si, defendido por Rousseau, o autor vai fazer uma distinção desse mesmo com o Amor-próprio, esse último fruto da sociedade e de um homem não mais natural, mas social e racional.

Não se deve confundir o amor-próprio e o amor de si mesmo, duas paixões muito diferentes por sua natureza e por seus efeitos. O amor de si mesmo é um sentimento natural que leva todo animal a zelar pela própria conservação e que, dirigido no homem pela razão e modificado pela piedade, produz a humanidade e a virtude. O amor-próprio não passa de um sentimento relativo, factício e nascido na sociedade, que leva cada indivíduo a dar mais importância a si do que a qualquer outro, que inspira aos homens todos os males que se fazem mutuamente e é a verdadeira fonte da honra. (ROUSSEAU, 1999, p. 323; nota n)

Nesse sentido, pode-se ver a diferença entre os dois amores pensados por Rousseau, no qual um humaniza e o outro cria laços de desigualdade e superioridade entre os homens. Percebe-se, ainda, a diferença entre o estado natural que com os seus traços e peculiaridades destacam-se com a bondade dos homens e a sociedade civil, que cria o individualismo e o olhar incessante para o si próprio.

A respeito do amor-próprio e do estado de natureza Rousseau afirma:

[...] no nosso estado primitivo, no verdadeiro estado de natureza, o amor-próprio não existe, pois, como cada homem em particular olha-se a si mesmo como único espectador que o observa, como o único ser no universo que tenha interesse por si, como o único juiz de seu próprio mérito, não é possível que um sentimento que se origina em comparações que ele não é capaz de fazer germinar em sua alma. Pela mesma razão, esse homem não poderia ter nem ódio nem desejo de vingança, paixões que só podem nascer da opinião de alguma ofensa recebida e, como é o desprezo ou a intenção de prejudicar, e não o mal, que constitui a ofensa, homens que não sabem nem se apreciar nem se comparar podem fazer-se muitas violências mútuas quando delas lhes advém alguma vantagem, sem nunca se ofenderem reciprocamente (ROUSSEAU, 1999, p. 323).

Podemos, então, afirmar que a origem do amor-próprio, segundo Rousseau, associa-se ao avanço da sociabilidade. No início, os homens no estado natural, não tinham sentimentos de divisão ou de superioridade, o adormecimento da razão fazia com que os mesmos não aflorassem. Todavia, o estabelecimento da sociedade, do comércio, e o despertar da razão, fazem com que princípios e os pré-conceitos se manifestem no homem. A esse respeito, o autor faz a seguinte observação: “É a razão que engendra o amor-próprio e é a reflexão que o fortalece; é ela que faz o homem ensimesmar-se; é ela que o separa de tudo quanto o incomoda e o aflige” (ROUSSEAU, 1999, p. 192).

Desse modo, é a consciência da particularidade do homem que faz com que o mesmo, crie as suas desigualdades, esses presentes na figura do patrão e dos servos, mas, também, na divisão dos talentos que deixa de ter um teor de bem-comum, para aderir a um ideal que sirva somente ao indivíduo. Assim, o homem que vivia em um estado natural, no qual o amor de si era o sentimento que gerava uma relação de sociabilidade dos indivíduos, dá lugar ao amor-próprio na sociedade civil, fazendo com que as individualidades de cada pessoa se ressaltem e a vida social seja estabelecida pelas leis criadas pelo estado civil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao destacar o homem em um estado de natureza, Rousseau tenta dar uma nova explicação acerca de como a relação entre os homens acontecia nesse estado primitivo. Tal relação era pautada, principalmente, de uma liberdade do homem em que vivia o adormecimento de sua razão fazendo com que não fosse detentor de conceitos claros agindo de forma instintiva, tentando, acima de tudo, preservar a sua espécie.

Nesse contexto, os homens têm em si, fruto de um instinto de repugnância, um sentimento de piedade no qual não permite ver outro sofrer. Sendo assim, é esse amor em si que faz com que um socorra o outro em sua necessidade, não deixando que padeça. Tal sentimento, é descrito por Rousseau, como Moral. Porém, aquele que estava a praticar tais ações de ajuda, viviam, ainda, o adormecimento de sua razão, realizando-as de forma instintiva.

Com o início das demarcações de terras criando a propriedade privada, inicia-se, também, as desigualdades entre os homens. Esses que viviam em um estado natural e passíveis

de conseguir tudo de forma livremente, veem a necessidade de se submeterem a um estado de sociabilidade no qual viveriam sobre o mando de um governo que produziriam as leis e normas para uma vida social em paz. A sociabilidade entre os homens, inicia-se com a necessidade da padronização da fala, é por meio dela que se os primeiros grupos familiares irão se formar e originar as comunidades e posteriormente a sociedade civil de forma organizada com as suas leis e regras comuns

Com a propriedade privada e criação do estado civil, nasce no homem outro sentimento, esse, diferente daquele que existia em seu estado de natureza. O homem tem nesse novo estado de sociabilidade, um amor-próprio que não permite que ele se compadeça de forma instintiva com outros, mas o faz preservar, acima de tudo, por aquilo que é seu. Tal processo, faz com que se estabeleça grandes diferenças na relação do homem e dos seus, nos quais não se prevalece mais o sentimento de piedade, mas de preservação daquilo que lhe é privado. Estabelecendo-se ainda, uma diferença antropológica do homem natural para o homem no estado civil.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Manoel Jarbas Vasconcelos. **Teoria do conhecimento e educação no pensamento de Jean-Jacques Rousseau**. 2017. 381 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. São Paulo: ed. Ática, 14ª edição, 2012

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: de Spinoza a Kant**. São Paulo: Paulus. v. 4 2005. p. 277 – 316.

ROSSEUAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

ROSSEUAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTOS, Jilvania Lima dos. **Jean-Jacques Rousseau e o amor de si: ou dos fundamentos para uma pedagogia do sentimento de preservação e benevolência**. Tese (Doutorado) – Programa de pós-graduação da faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal Da Bahia (UFBA), Bahia, Salvador, 2008, p. 199.

VENTO, Marisa. **A expansividade do amor de si na filosofia de Rousseau**. Anais do VI Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, São Carlos – SP, 20 a 24 de setembro de 2010.